


Unesp  UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Faculdade de Ciências e Letras
Campus de Araraquara - SP

Sabrina Silva Gomes

O DISCURSO SOBRE A CONCISÃO NA *REVISTA LÍNGUA*
PORTUGUESA

ARARAQUARA – SP
2013

Sabrina Silva Gomes

O DISCURSO SOBRE A CONCISÃO NA *REVISTA LÍNGUA
PORTUGUESA*

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado ao Conselho de Curso de Letras, da
Faculdade de Ciências e Letras –
Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção
do título de Bacharel em Letras.

**Orientador: Profa. Dra. Marina Célia
Mendonça**

ARARAQUARA – SP
2013

[VERSO DA FOLHA DE ROSTO]

Ficha Catalográfica: deve ser preenchida a solicitação no site da Biblioteca da FCLAr e aguardar o e-mail de confirmação. O retorno da ficha pronta será dado em no máximo 48 horas e após o reenvio da ficha ao solicitante, este deve imprimir a mesma no verso da folha de rosto.

Sobrenome, Prenome do autor

Título principal do trabalho: subtítulo / Nome completo do autor. – Local(cidade)

xxx f : il. ; xx cm

Trabalho de Conclusão de Curso - TCC (Graduação) –
Faculdade de Filosofia e Ciências – Universidade
Estadual Paulista, Local (cidade), ano.

1 Descritor. 2. Descritor. 3 . Descritor. I. Autor II. Título.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais pelo amor e dedicação de sempre, principalmente à compreensão dedicada nos anos de faculdade.

À minha orientadora pela paciência, compreensão e orientação.

Aos meus amigos que estiveram comigo durante cinco anos e acompanharam uma parte importante da minha vida.

RESUMO

O objetivo do trabalho foi buscar valores positivos e negativos que norteiam o discurso sobre a concisão e compreender como esse conceito é entendido em discursos presentes na mídia quando se toma por tema a produção de textos. O *corpus* do trabalho consiste de duas matérias da *Revista Língua Portuguesa* sobre esse tema. A análise do *corpus* se deu a partir de estudos bakhtinianos do discurso, em especial considerando os conceitos de diálogo, enunciado e gêneros do discurso. A pesquisa considera, sobretudo, como o Círculo de Bakhtin concebe a produção de sentido. Ao final, consideramos que é importante refletir sobre as definições que norteiam o discurso da concisão, até onde na prática elas condizem com nossa realidade de escrita.

Palavras – chave: Bakhtin. Enunciado. Concisão.

ABSTRACT

The objective was to seek positive and negative values that guide the discourse on conciseness and understand how this concept is understood in speeches in the media when taking the theme of text production. The corpus of work consists of two materials of Portuguese Language Magazine on this topic. The analysis of the corpus was made from Bakhtinian discourse studies, especially considering the concepts of dialogue, utterance and speech genres. The research considers mainly as Bakhtin Circle conceives the production of meaning. At the end, we believe it is important to reflect on the definitions that guide the discourse of conciseness, far in practice they are consistent with our reality of writing.

Keywords: *Bakhtin. Statement. Conciseness.*

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 Enunciação: objeto de estudo	10
2.1 Enunciado e construção do sentido	12
2.2 Gêneros do discurso	16
3 Análise	19
3.1 “Como cortar um texto”	20
3.2 “Os danos da concisão”	22
3.3 O gênero jornalístico	25
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
5 REFERÊNCIAS	28
ANEXOS	
ANEXOS A –	30
ANEXOS B -	32

1 INTRODUÇÃO

Sempre vemos circular, tanto na mídia, como entre pessoas (no cotidiano, na escola de ensino fundamental, médio e no ensino universitário) definições estreitas sobre a Língua Portuguesa e sobre o texto. Muitas dessas definições não consideram a grande diversidade de textos ou os vários contextos a que a língua pode estar entrelaçada.

O objetivo desta pesquisa é abordar, sob a ótica da Análise do Discurso, mais especificamente dos estudos bakhtinianos do discurso, o discurso sobre a concisão na *Revista Língua Portuguesa*. Partimos da hipótese de que há, na revista, percepções fechadas sobre o texto quando o assunto é a concisão.

Fizemos uma leitura de textos teóricos para embasar nossas análises, em especial aquelas que nos permitiram entender os conceitos de enunciado, diálogo, produção de sentido e gêneros do discurso nos estudos do Círculo de Bakhtin (foram consultados BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 1997; BAKHTIN, 1997; FARACO, 2009; GERALDI, 1996; MACHADO, 2005; PONZIO, 2009). O resultado dessas leituras encontra-se no capítulo 2 deste trabalho.

Analisamos dialogicamente duas matérias da *Revista Língua Portuguesa*. A primeira tem por título “Como cortar um texto” e foi veiculada em Setembro de 2010, a segunda intitula-se “Os danos da concisão” e foi veiculada em Maio de 2011. Nossa análise buscou identificar como os argumentos se entrelaçam e agregam valores negativos e positivos sobre a concisão. Além disso, procuramos estabelecer uma relação entre essas matérias e as especificidades dos gêneros jornalísticos. As análises encontram-se no capítulo 3.

Com este trabalho, procuramos refletir sobre o discurso acerca da produção textual e a questão da concisão relacionada a este discurso. Esperamos que seu resultado seja proveitoso para estudiosos do tema e para professores interessados na questão.

2 Enunciação: objeto de estudo

Para um locutor, ou falante, a língua não aparece como um item de dicionário, mas como uma parte das inúmeras enunciações que faz parte do seu cotidiano. Assim, falamos e escutamos verdades ou mentiras, coisas boas ou ruins, etc. E todas essas enunciações estão inseridas dentro de um contexto ideológico. Segundo Bakhtin/Volochínov (1997) a palavra que usamos em nosso dia a dia está preenchida de um “conteúdo ideológico”, ou seja, expressa um juízo de valor. Se, por acaso, separarmos o uso prático da língua de seu conteúdo ideológico será encontrada uma forma linguística vazia de significado e expressão, seria como uma palavra de dicionário, um recorte que não expressa valores e em que não há um sujeito portador da palavra. Toda enunciação “[...] é produzida para ser compreendida, é orientada para uma leitura [...] no contexto do processo ideológico do qual ela é parte integrante.” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 1997, p.97).

A enunciação não é um produto acabado, ela está dentro do fluxo da comunicação verbal, e o falante penetra nessa corrente tomando consciência de suas enunciações e criando respostas a enunciações do outro. Ela possui um sentido definido e único, esse sentido completo é chamado por Bakhtin/Volochínov (1997) de *tema*. O tema é individual e concreto como ao instante histórico ao qual ele pertence, portanto é um fenômeno histórico. No interior do tema a enunciação adquire uma significação, que são elementos da enunciação que são completados e idênticos cada vez que são repetidos. Esses elementos que constituem a significação do tema podem ser analisados em um conjunto de significações relacionadas aos elementos linguísticos que a produzem. A pesquisa da significação tem dois lados: para o tema, seria uma investigação da significação contextual de uma palavra nas condições de uma enunciação concreta. O outro lado seria a significação da palavra no sistema da língua, portanto, a palavra no contexto do dicionário. Interessa para nós esse primeiro lado da palavra relacionado ao seu contexto histórico porque a ela estará agregado um juízo de valor, um ponto de vista ou uma visão de mundo. Porque para compreender a enunciação é preciso orientar-se em relação a ela, encontrar seu lugar adequado no contexto. “Compreender é opor à palavra do locutor uma *contra palavra*.” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 1997, p.132, grifo do autor). A significação só se realiza no processo de compreensão ativa e responsiva, e

somente a corrente da comunicação verbal num dado momento histórico fornece à palavra sua significação.

Além de tema e significação, a palavra é acompanhada de um acento de valor apreciativo (tanto na fala como na escrita). É uma apreciação social contida na palavra, e, é transmitida através da entoação expressiva que é determinada pela situação imediata e por suas circunstâncias no diálogo. Portanto, essa significação pode mudar de contexto para contexto, há uma reavaliação da palavra em sua nova situação e circunstância, a qual acarretará um novo valor apreciativo adequado ao novo contexto em que essa palavra foi inserida. Essa característica maleável do sentido serve para

A sociedade em transformação alarga-se para integrar o ser em transformação. Nada pode permanecer estável nesse processo. É por isso que a significação, elemento abstrato igual a si mesmo, é absorvida pelo tema, e dilacerada por suas contradições vivas, para retornar enfim sob a forma de uma nova significação com uma estabilidade e uma identidade igualmente provisórias. (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 1997, p.136).

Dentro de uma enunciação há suas unidades que muitas vezes são consideradas como unidades completas. Caso parecido acontece com os parágrafos em um texto, que podem ser separados por alíneas, e sua composição sintática é variada porque podem conter desde uma palavra até um grande número de orações complexas. Entretanto, erramos ao dizer que um parágrafo contém um pensamento completo porque no discurso em partes “ [...] encontra-se o *ajustamento às reações previstas do ouvinte ou do leitor.*” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 1997, p.141, grifo do autor). O autor usa a concepção de parágrafo para explicar que cada unidade de significação, assim como o parágrafo, unidade dentro do discurso escrito, não tem um sentido completo, ela faz parte de um todo e ajuda a construir o sentido completo dentro desse todo.

Portanto, a enunciação faz parte da grande corrente da comunicação verbal, seu tema e significação devem ser analisados em conjunto, considerando-se o contexto histórico e os possíveis valores que estão agregados a ela que ajudam a construir um efeito de sentido.

2.1 Enunciado e construção de sentido

O ouvinte, ou leitor, não só compreende a essa significação do discurso, como se coloca diante dele em uma atitude responsiva ativa, ou seja, ele pode discordar ou concordar, adaptar e até transformar esse discurso. Há uma inversão de papéis de ouvinte para locutor. (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 1997). O locutor em si já um respondente porque não é o primeiro no mundo a falar. Seu enunciado está vinculado ao enunciado do outro. Como explica Bakhtin (1997) é necessário o usarmos o termo enunciado, porque ele é a “unidade real da comunicação verbal”. Segundo o autor, “A fala só existe, na realidade, na forma concreta dos enunciados de um indivíduo: do sujeito de um discurso-fala. O discurso se molda sempre à forma do enunciado que pertence a um sujeito falante e não pode existir fora dessa forma.” (BAKHTIN, 1997, p. 293-294).

O enunciado possui características estruturais que são comuns e fronteiras delimitadas. Essas fronteiras são determinadas pela “*alternância dos sujeitos falantes*”. (p.295). Porque todo enunciado tem começo e fim, e antes do seu início há o enunciado dos outros e depois do seu fim há o enunciado em forma de resposta do outro. Quando alguém termina seu enunciado o outro entra em cena com seu próprio enunciado. Assim, há uma relação entre enunciados, que não se presta a gramaticalização, porque ela não existe no interior da língua, mas dentro do enunciado. Não podemos confundir enunciado com oração. Oração é unidade da língua e enunciado, como já foi dito, é unidade da comunicação verbal. Na oração não há alternância dos sujeitos falantes, quando uma oração acaba, o locutor faz uma pausa, antes de passar para o pensamento que dá seguimento ao seu próprio pensamento, ele continua, completa, fundamenta o pensamento anterior. A oração está dentro do todo do enunciado.

O contexto da oração é o contexto do discurso de um único e mesmo locutor (ou escritor). O contexto da realidade (situação e circunstâncias) e o enunciado de outros locutores não tem relação direta com a oração, ela é intermediada pelo enunciado em seu todo.

A pausa decidida pelo locutor é substituída pela resposta ou a compreensão responsiva de outro locutor. A oração, nesse caso, torna-se um enunciado completo, e passa a adquirir as características da natureza do enunciado, como por exemplo, a alternância dos sujeitos

falantes. Tornando-se enunciado ela adquire um autor, é enunciado de uma expressão individualizada em uma determinada situação da vida cotidiana.

A oração é unidade da língua, tem natureza gramatical, é no todo do enunciado que ela passa a possuir propriedades estilísticas. As pessoas trocam enunciados que são constituídos com a ajuda de unidades da língua, ou seja, também da oração.

A alternância dos sujeitos falantes é umas das particularidades que distingue o enunciado de uma oração, há também o acabamento do enunciado, que está no seu interior. O escritor (também locutor) diz tudo o que quer dizer em um momento preciso e em condições precisas e percebemos quando seu enunciado acabou por causa de critérios particulares desse acabamento. O primeiro critério é a possibilidade de responder, adotar uma possibilidade responsiva com ele (BAKHTIN, 1997). Segundo Bakhtin, essa possibilidade de resposta é determinada por três fatores: tratamento exaustivo do tema; as esferas criativas darão um tratamento do tema do enunciado em condições determinadas, em função de uma dada abordagem do problema do material, dos objetivos a atingir. O tema estará dentro de um “intuito definido pelo autor”. O segundo fator é esse intuito discursivo, é o “querer dizer” do locutor que determina o todo do enunciado. Portanto, o intuito determinará a escolha do objeto com suas fronteiras, além de determinar a escolha da forma do gênero em que o enunciado será estruturado. O intuito (elemento subjetivo) do enunciado relaciona-se com objeto de sentido (objetivo) para formar uma unidade que ele limita e vincula à situação concreta da comunicação verbal, marcadas por circunstâncias individuais. Por isso, quando lemos ou escutamos alguém falar notamos desde o início o intuito do locutor, e ao longo do enunciado podemos enumerar características que fizeram esse intuito ter sentido.

Aprendemos a moldar nossa fala às formas do gênero e, ao ouvir a fala do outro, sabemos de imediato, bem nas primeiras palavras, pressentir-lhe o gênero, adivinhar-lhe o volume (a extensão aproximada do todo discursivo); a dada estrutura composicional, prever-lhe o fim, ou seja, desde o início, somos sensíveis ao todo discursivo que, em seguida, no processo da fala, evidenciará suas diferenciações. (BAKHTIN, 1997, p. 303).

O terceiro fator são as formas do gênero do enunciado. O querer dizer se realiza sobre a escolha de um gênero. Essa escolha é determinada em função das características de uma dada esfera da comunicação verbal. Depois, o intuito, sem perder suas individualidades, adapta-se e

modifica-se ao gênero escolhido. Segundo Bakhtin (1997b), quando escolhemos uma oração sempre a encaixamos no todo do enunciado, selecionamos o tipo de oração em função desse todo que se apresenta em nossa imaginação verbal e determina nossa opção. Ou seja, somos guiados pelo gênero na escolha da composição e formas do enunciado.

Voltemos à diferença entre a oração e o enunciado: a oração como unidade da língua não consegue influenciar uma atitude responsiva. Porque uma informação é sempre para alguém, é provocada por algo, é um elo na cadeia de comunicação verbal, no interior de uma dada esfera da realidade humana. Uma outra particularidade do enunciado é a relação que ele tem com o locutor (autor) e com os outros na comunicação verbal. “A escolha dos recursos linguísticos e do gênero do discurso é determinada principalmente pelos problemas de execução que o objeto do sentido implica para o locutor (autor).” (BAKHTIN, 1997, p.309). Segundo o autor, depois da escolha do estilo e da composição há a necessidade de expressividade do locutor perante o seu objeto. Esse recurso de expressividade está ligado ao autor (locutor), ele estabelece a relação de um juízo de valor, constrói um sentido a respeito da realidade através do enunciado. Para Bakhtin (1997), o enunciado possui uma “expressão típica” que ajuda o locutor a identificar o enunciado a um contexto e marcá-lo dentro de um gênero do discurso. Essa expressividade é marcada pela entonação da expressão usada pelo autor, ela expressa a relação emotiva-valorativa do locutor junto ao objeto do seu discurso. Quando uma palavra é escrita ou falada com entonação expressiva, ela torna-se um enunciado completo, possui sentido completo. “Ao escolher a palavra, partimos das intenções que presidem ao todo do nosso enunciado, e esse todo intencional, construído por nós, é sempre expressivo.” (BAKHTIN, 1997, p. 312).

Esse processo de expressividade cria-se na relação da significação neutra da palavra com uma realidade da comunicação verbal. Portanto, relacionado com a realidade o enunciado recebe do gênero uma expressividade determinada, própria de um gênero determinado. As palavras que usamos em nosso discurso são retiradas do enunciado individual dos outros e podem preservar ou podemos modificar o tom e a ressonâncias desses enunciados.

As palavras da língua não são de ninguém, porém, ao mesmo tempo, só as ouvimos em forma de enunciados individuais, só as lemos em obras individuais, e elas possuem uma expressividade que deixa de ser apenas típica e torna-se também individualizada (segundo o gênero a que pertence), em função do contexto individual, irreproduzível do enunciado. (BAKHTIN, 1997, p.313-314).

Esse contexto ao qual se refere o autor é a época, o meio social, o contexto histórico de que o indivíduo está fazendo parte. Em qualquer época, segundo Bakhtin, há enunciados que servem de norma, dão o tom para esse contexto, são geralmente seguidas e vistas na maioria dos enunciados do outro, como em obras literárias, científicas, ideológicas, etc. Ou seja, são usadas como referência. “Há sempre certo número de ideias diretrizes que emanam dos “luminares” da época, certo número de objetivos que se perseguem, certo número de palavras de ordem, etc.” (BAKHTIN, 1997b, p. 314). Nosso enunciado está repleto de enunciados dos outros e em graus variáveis por um uso consciente. O enunciado do outro possui uma expressividade individual que reestruturamos e transformamos. O estilo e composição do enunciado são determinados pelo objeto do sentido e pela expressividade, há uma relação valorativa que o locutor estabelece com o enunciado. Ele construirá um sentido, relacionando o valor que dá ao enunciado e juntando com o contexto histórico ao qual está vivendo, encontrará argumentos na palavra do outro, às vezes mantendo, como já foi dito a expressividade, ou modificando. Essas escolhas de recursos linguísticos dão ao enunciado um sentido criado a partir da escolha do gênero e do objeto a ser comentado. As considerações feitas em torno do objeto de sentido determinam um estilo.

O enunciado está repleto dos ecos e lembranças de outros enunciados, aos quais está vinculado no interior de uma esfera comum da comunicação verbal. O enunciado deve ser considerado acima de tudo como uma resposta a enunciados anteriores dentro de uma dada esfera (a palavra “resposta” é empregada aqui no sentido lato): refuta-os, confirma-os, completa-os, baseia-se neles, supõe-nos conhecidos e, de um modo ou de outro, conta com eles. (BAKHTIN, 1997, p. 317).

Para entendermos a expressividade de um enunciado precisamos relacionar o locutor com os enunciados do outro. São as formas de reações respostas que completam o enunciado. Quando o autor elabora seu enunciado ele supõe a resposta do outro (destinatário). Essa suposição de resposta influencia o enunciado porque ele se prevenirá de objeções. Enquanto constrói seu enunciado ele pensa no contexto em que o seu discurso será recebido pelo destinatário. Imagina o grau de informação que ele tem da situação, do objeto de sentido, seus conhecimentos na área determinada da comunicação cultural, suas opiniões, convicções, etc. Isso tudo condiciona a compreensão responsiva do seu enunciado.

Ter um destinatário para o enunciado é uma particularidade constitutiva, sem a qual não poderia haver enunciado.

2.2 Gêneros do discurso

Como já fizemos um estudo detalhado sobre o que é enunciado e como ele estabelece suas relações no elo da cadeia de comunicação verbal, se faz necessário nos determos um pouco sobre os gêneros do discurso. Como foi mencionado anteriormente, os gêneros do discurso são parte fundamental e transformadora do enunciado. Eles organizam nossa fala (enunciado) da mesma maneira que organizam as formas gramaticais (sintáticas).

A utilização da língua está ligada às esferas da atividade humana e seus modos e caráter são tão variados como essas esferas. Essa utilização é feita pelos enunciados. Conteúdo temático, estilo e construção composicional integram-se no todo do enunciado e são marcados pela especificidade de uma esfera da comunicação verbal. Portanto, cada esfera que faz uso da língua elabora seus “[...] *tipos relativamente estáveis* de enunciados, sendo isso que denominamos *gêneros do discurso*.” (BAKHTIN, 1997, p. 280, grifo do autor). Como os gêneros do discurso são heterogêneos há uma dificuldade em qualificar o enunciado como genérico. Segundo Bakhtin (1997, grifo do autor), para resolução desse problema devemos considerar a diferença entre discurso *primário* (simples) e *secundário* (complexo). O discurso secundário insere-se nos gêneros do discurso secundário que aparecem em uma comunicação cultural mais complexa e relativamente mais evoluída, principalmente escrita. No processo de criação do enunciado desse tipo de gênero, eles tomam para eles e transformam os gêneros primários que se constituem em circunstâncias de uma comunicação verbal espontânea. Portanto, os gêneros primários quando se tornam componentes dos secundários transformam-se dentro deles e adquirem uma característica particular porque perdem sua relação com a realidade existente. Para Bakhtin (1997), é estabelecida uma inter-relação entre o discurso do outro assim inserido e o resto do discurso tem analogia com as relações existentes entre as réplicas do diálogo. “A entonação que demarca o discurso do outro (assinalada pelas aspas no discurso escrito) é um fenômeno de um tipo particular: é como que a transposição de *alternância dos sujeitos falantes* para o interior do enunciado.” (BAKHTIN, 1997b, p. 319, grifo do autor). A expressão do locutor se infiltra no discurso do outro e pode ser transmitida de várias formas.

[...] essa expressão é transmitida por uma entonação expressiva, e no discurso escrito nós a adivinhamos e a percebemos graças ao contexto que envolve o discurso do outro, ou graças à situação transverbal que sugere a expressão apropriada. (BAKHTIN, 1997, p.319).

O enunciado primário ou secundário em qualquer esfera da comunicação verbal é individual e por isso reflete, apontam para uma realidade que lhe é externa. (FARACO, 2009). Assim, possui estilo individual. Entretanto, na maioria dos gêneros do discurso, o estilo não entra na intenção do enunciado, ele é produto complementar. O estilo depende do modo que o locutor percebe e compreende seu destinatário, e do modo que ele presume uma compreensão responsiva ativa. Por isso Bakhtin (1997c) diz que o estilo neutro ou objetivo que deveriam ignorar o outro, não deixam de ter uma ideia de destinatário porque esse tipo de estilo seleciona os recursos linguísticos em função de uma adequação ao objeto do discurso, mas também do tipo de contexto em que o destinatário está inserido, ainda que esse contexto seja visto de modo muito generalizado. É pressuposta uma espécie de identificação entre o destinatário e o locutor, uma junção de pontos de vista.

Há um vínculo entre estilo e gênero que é mostrado pelo estilo linguístico que é o estilo de um gênero peculiar a uma dada esfera da atividade humana e da comunicação. Cada esfera conhece seus gêneros, apropriados à sua especificidade, aos quais correspondem certos estilos. Uma função (científica, técnica, filosófica, etc.) e dadas condições, específicas para cada uma das esferas da comunicação verbal, geram um dado gênero, ou seja, um dado tipo de enunciado, relativamente estável do ponto de vista temático, composicional e estilístico. Segundo Bakhtin (1997), o estilo está ligado às unidades temáticas e às unidades composicionais: tipo de estruturação e de conclusão de um todo, tipo de relação entre locutor e os outros parceiros da comunicação verbal (relação com o ouvinte, com o leitor, com o discurso do outro). Assim, uma pesquisa sobre o estilo deve partir do fato de que o estilo pertence ao gênero e devemos nos basear no estudo prévio dos gêneros em sua diversidade. Precisamos classificar e mostrar critérios diferenciais, esquecer noções tradicionais, adotadas sem o espírito crítico. As mudanças históricas que ocorreram e ainda acontecem dos estilos da língua são relacionadas às mudanças que se efetuam nos gêneros do discurso.

A língua escrita corresponde ao conjunto dinâmico e complexo constituídos pelos estilos da língua, cujo peso respectivo e a correlação dentro do sistema da língua escrita, se encontram num estado de contínua mudança. (BAKHTIN, 1997, p. 286).

Para encontrar uma explicação histórica dessas mudanças é preciso colocar o problema dos gêneros do discurso no centro da discussão. Porque são eles que refletem a mudança na vida social. Os enunciados e os gêneros do discurso aos quais eles pertencem, são a transmissão da história da sociedade à história da língua. Em cada época, a língua escrita é marcada pelos gêneros secundários e primários.

A ampliação da língua escrita que incorpora diversas camadas da língua popular acarreta em todos os gêneros a aplicação de um novo procedimento na organização e na conclusão do todo verbal e uma modificação do lugar que será reservado ao ouvinte ou parceiro, etc.; o que leva a uma maior ou menor reestruturação e renovação dos gêneros do discurso. (BAKHTIN, 1997, p.286-287).

Os gêneros do discurso secundários influenciam, especialmente, uma compreensão responsiva de ação retardada, em algum momento, que não sabemos ao certo o que foi compreendido de modo ativo encontrará lugar no comportamento subsequente do ouvinte. Quando o locutor postula essa compreensão responsiva ativa, ele espera uma resposta do outro, uma concordância, uma adesão, uma objeção, uma execução. “A variedade dos gêneros do discurso pressupõe a variedade dos escopos intencionais daquele que fala ou escreve. O desejo de tornar seu discurso inteligível é apenas um *elemento* abstrato da intenção discursiva em seu todo.” (BAKHTIN, 1997, p. 292, grifo do autor). Devemos lembrar que no discurso escrito, nos gêneros secundários, nos limites de um enunciado, o escritor formula perguntas, responde-as, opõe objeções que ele mesmo refuta. Isso é uma simulação dos gêneros do discurso primários na construção do enunciado. Há uma pausa existente entre os enunciados, isso é um fato real e não gramatical e este tipo de pausa se prende à psicologia, ou alguma circunstância externa, é uma pausa que nos gêneros secundários, provém do cálculo do escritor, e se diferencia da pausa gramatical como pausa da estilística, o que na verdade lhe segue é a resposta ou a compreensão responsiva do outro locutor.

Os gêneros correspondem às circunstâncias e a temas típicos da comunicação verbal e, assim, há certos pontos de contatos típicos entre as significações da palavra e a realidade concreta. Essa expressividade típica do gênero reflete a relação que a palavra e sua significação

mantêm com o gênero, com os enunciados. Expressa também a força normativa do gênero. Essa força deve ser relacionada ao valor normativo que os gêneros do discurso possuem, já que para um falante esses gêneros são dados, já fazem parte do seu cotidiano e não foram criados pelo indivíduo. Por isso, não podemos dizer que o enunciado é uma combinação absolutamente livre das formas da língua. (BAKHTIN, 1997). Em comparação com estas são mais livres, porque ainda possuem certa individualidade, singularidade e podem variar conforme as circunstâncias, a posição social e relacionamento pessoal.

As formas do gênero são mais maleáveis, se pode modificá-los mais que as formas da língua. Podemos moldar o enunciado conforme o gênero de uma dada esfera da comunicação verbal. Mudar a fala, determinadas formas estilísticas e composicionais. Quanto mais dominamos o gênero, mais fácil será usá-lo e se expressar dentro dele. “É de acordo com nosso domínio nos gêneros que usamos com desembaraço, que descobrimos mais depressa e melhor nossa individualidade neles [...]” (BAKHTIN, 1997, p.305). Nossa individualidade é refletida através dos gêneros que escolhemos e usamos.

A uma relação indissolúvel entre enunciado e gêneros do discurso, ao pesquisarmos um automaticamente estamos na pesquisa do outro, os dois devem ser analisados em conjunto porque fazem parte de um elo interminável, a cadeia de comunicação verbal. “Se não existissem os gêneros do discurso e se não os dominássemos, se tivéssemos de construir cada um de nossos enunciados, a comunicação verbal seria quase impossível.” (BAKHTIN, 1997, p.303).

3. Análise

Começaremos nossa análise a partir da reportagem “Como cortar um texto” da Revista Língua Portuguesa do mês de setembro de 2010, depois “Os danos da concisão”, de maio de 2011. Cada matéria será analisada separadamente a fim que suas características sobre o discurso da concisão sejam melhor exemplificadas.

As perguntas que nortearão essa análise são: como cada reportagem articula suas argumentações sobre este assunto? Quais são os valores que há em torno desse tema, positivos ou negativos? Quais são os sinônimos empregados para a palavra concisão? Como o efeito de sentido é construído?

3.1 – *Como cortar um texto*

Essa matéria, em Anexo A deste trabalho, está incluída na seção *Técnica de escrita* da *Revista Língua Portuguesa*. Desde já podemos considerar algumas hipóteses relevantes para nossa análise, por exemplo, que nessa seção os autores ou jornalistas apresentam técnicas que tendem e servem para melhorar a qualidade da escrita e nesta matéria a técnica é “cortar” o excesso do texto.

Durante toda a matéria notamos que o autor em nenhum momento usa a palavra *concisão*. No entanto, ele usa imagens para tratar deste tema: “Escrever é cortar [...]”; “Frases desse tipo geralmente levam quinze minutos de poda e polimento.” Percebemos que durante todo o texto as imagens sempre serão o **corte** e a **poda**. Esses sinônimos criam nessa enunciação um juízo de valor que define a concisão como prática de excluir palavras, que uma escrita de qualidade será aquela em que o autor procure por palavras que possam ser excluídas.

No próprio texto, o autor dá um exemplo de como reduzir palavras, em que “Dizer o essencial se compara à **poda** de uma árvore: aparar o excesso é sempre revigorante” (TAVARES, 2010, p. 24, grifo nosso).

Concisão ganha um sentido de exclusão de palavras e os argumentos que o sujeito da enunciação constrói vão desde o pensar em escrever uma frase e já retirar palavras quando esta frase for definitivamente escrita: “No máximo, podemos imaginar que o autor pensou, pensou, e quando se sentou para escrever já escreveu a frase definitiva; mas a poda e o polimento existiram do mesmo jeito” (TAVARES, 2010, p.24). No subtítulo da matéria chamado *Procura* o locutor descreve como ocorre o enunciado na cabeça dos leitores, as formas pelas quais pensamos antes de começar a escrever e, é justamente este argumento que torna o sentido da concisão como cortar palavras passível de ser aceito. O autor descreve e usa cenas que constituem um contexto situacional partilhado pelos leitores, por exemplo, quando descreve como surgem nossas ideias: “Nossas ideias, principalmente as ficcionais, nem sempre surgem sob a forma de palavras específicas. É mais comum que nos surjam como fragmentos de situações narrativas, cenas semivizualizadas, vontade dizer certas coisas [...]” (TAVARES, 2010, p.25). Neste fragmento podemos notar que a oração “É mais comum” faz o leitor pensar que não é só com ele que tal situação acontece, mas com um grupo de pessoas de que ele faz parte. Esse elemento extraverbal dá particularidade ao enunciado porque ele compartilha com os leitores um conhecimento e compreensão comum da situação. Segundo Brait e Melo (2005) discorrendo sobre enunciação:

“[...] uma importante perspectiva de enunciação vai sendo tecida, [...] implicada num caráter interativo, social, histórico, cultural.”(TAVARES, 2010, p.68). Portanto, há um horizonte espacial/temporal comum entre leitores, mas também entre locutor (autor) e destinatário (leitores).

No segundo subtítulo *Começo*, os argumentos e exemplos continuam sendo situações partilhadas pelos leitores que buscam uma linguagem mais fluida. No entanto, o autor inclui técnicas de **cortar** palavras que segundo ele não têm significado no texto:

O que cortar? Uma das primeiras coisas é cortar aqueles fragmentos do discurso que não dizem nada mas que nos ajudam a manter o fluxo verbal. Coisas como “Para não falar de ...”, “antes de mais nada...”, “acima de tudo...”, “não é preciso dizer que...”, “é interessante notar que... (TAVARES, 2010, p.25).

No fragmento acima o autor usa a pergunta “O que cortar?”. Ele ajusta e começa seu argumento a partir de uma pergunta que possivelmente pode surgir pelo leitor, já que até o fragmento exposto o autor tinha afirmado que para dizer o essencial é necessário cortar palavras, podar o texto, como “[...] à poda de uma árvore: aparar o excesso é sempre revigorante” (TAVARES, 2010, p.24).

O segundo parágrafo do mesmo subtítulo também começa com uma pergunta “E as enumerações?”, entretanto, o acento de valor apreciativo dado a esta pergunta se diferencia do da anterior. Aqui, a entoação expressiva das “enumerações” carrega um valor negativo por causa da descrição situacional que segue a pergunta: “Quando enumeramos, tendemos a sair enfileirando detalhes, minúcias, fragmentos, exemplos, imagens, aspectos, até que um abençoado “etc.” estanca a hemorragia.” O valor negativo dado às enumerações é afirmado quando o autor usa a palavra “hemorragia”, palavra na maioria das vezes entendida como algo grave, porque é um sangramento em excesso; no contexto da matéria não é o excesso de sangue o alarmante, mas o excesso de enumerações.

Em “Tipos de textos”, último subtítulo da matéria, o autor enumera algumas tipologias de texto acrescentando sua definição e quais palavras e frases podem ser retiradas: “Num artigo de ideias é bom chegar a uma prosa enxuta, com variedades de ideias, não de vocabulário.” Então, a variedade de ideias não pode englobar uma variedade de vocabulário? Por quê? São algumas das questões que surgem quando lemos tais definições que tornam os gêneros do discurso fechados, como se cada gênero não pudesse misturar-se ou agregar outros tipos de discursos.

Devemos considerar a dinamicidade do texto/enunciado, não considerá-lo como um produto acabado, pois ele está sempre em construção. Quando escrevemos e relemos podemos em vez de cortar, querer acrescentar, ou até trocar palavras, nunca temos certeza de que retirar trará a objetividade esperada que queremos. Às vezes, a falta de clareza não está relacionada a uma “hemorragia” de frases, mas justamente à falta de alguma frase ou palavra que se relacionem e possam dar o sentido que queremos ao texto. O autor diz “São dois prazeres sucessivos: o de derramar no papel tudo a que temos direito, e depois o de tirar tudo que não serve mais.” E se não precisássemos tirar? Sempre é assim?

Durante o texto da matéria, o locutor se apodera de metáforas ligadas ao jardim, ao cortar, ao aparar a grama tornamos nosso jardim mais bonito e vistoso. Ele parte da ideia de que objetividade é igual ao dizer o essencial. Conseguimos expressar e dizer o essencial quando retiramos, cortamos partes do texto, frases ou palavras. Por isso, a metáfora do jardim: a imagem da grama sendo aparada, retirando o excesso que não deixa a gente ver o que tem do outro lado, ou impede nosso caminho, não deixando chegar aonde queremos. Assim é com o texto, cortar para conseguir dizer o que queremos.

Como foi descrito/analizado anteriormente , ele usa situações do cotidiano dos seus destinatários que, como ele, também se deparam com perguntas de “O que cortar?” E ao longo do seu enunciado, ele constrói um caminho de perguntas, respostas e exemplos. Os três subtítulos são construídos em torno desses três pilares. A identificação com o assunto ajuda o autor a dar o sentido de credibilidade ao que ele propõe como objetividade: “Já vi muitos autores dizerem que sentem pena de cortar os próprios textos; me identifico com os que cortam com prazer.” O sujeito assume que é autor, isso já carrega um sentido a mais de credibilidade ao texto, pois ele se depara cotidianamente com o ato de escrever e tem o costume de “aparar” o seus textos e o faz com “prazer”.

Na matéria, a palavra concisão não aparece, mas seu significado no texto é implicitado pelas metáforas usadas e carrega um valor positivo, relacionado a retirar palavras.

3.2 Os danos da concisão

A reportagem *Os danos da concisão* foi veiculada na *Revista Língua Portuguesa*. O assunto da concisão é atualizado, ganha um novo tema (tal como o entende Bakhtin/Volochínov, 1997), e ganha aspectos positivos e negativos ao longo do texto.

Esse enunciado é dividido em subtítulos que têm como objetivo passar ao leitor “Os danos da concisão” desenfreada, à procura somente de cortar frases. Aqui o tema da concisão passa por uma reavaliação, pois, situa-se em um novo contexto de técnicas fechadas de escrita, “fruto de uma era de consumismo desenfreado, impaciência e pressa sem critério.” (GÓMEZ, 2011, p.23).

A necessidade de tornar os textos cada vez mais curtos deve-se ao fato da pressa e da necessidade de informações diretas, e ao contato com outros textos que têm como objetivo serem “ enxutos ” como:

“[...] abreviações de relatórios de trabalho, nos anúncios publicitários mais lacônicos, nas exigências de redações para vestibulares, nas versões simplificadas de obras literárias de fôlego, nos resumos de fatos da semana, nas notas informativas da internet, nas colunas de fácil digestão.” (GÓMEZ, 2011, p.23).

O locutor expõe um contexto histórico atual de transformação da escrita. A concisão é tomada como forma essencial de critério para a objetividade. O locutor traz pelo discurso direto frases de pessoas renomadas no estudo ou no uso da Língua Portuguesa, como a professora Maria Helena de Moura Neves: “A concisão não pode ser vista como algo absoluto, deve ser relativizada [...]” (GÓMEZ, 2011, p.23) e o escritor Jorge Luis Borges: ““quem se demora em dez frases breves e não quem maneje uma frase longa”, escreve Borges.” (GÓMEZ, 2011, p.23).

Quando o locutor dá lugar à voz do outro, no caso exposto, aos especialistas da Língua Portuguesa, é para através dessas vozes passar credibilidade e confiança aos leitores, ele preserva o tom ponderado e analítico que esses enunciados revelam sobre a concisão. Esses pontos de vista são relacionados ao todo do sentido que o autor parece querer alcançar. Mostra os danos de ser conciso, assim ressalta mais uma vez o ponto de vista de Neves, agora em discurso indireto: “Para ela, é imperdoável o fato de o leitor sentir falta de informações relevantes ao ler um texto, seja de qual gênero for.”.

No mesmo subtítulo, “Imposição”, o autor retoma uma definição recorrente no contexto histórico atual de consumismo e necessidade de estar bem informado em pouco tempo e com textos curtos: “[...] concisão não significa necessariamente escrever pouco.” (GÓMEZ, 2011, p.23). E logo em seguida apresenta uma definição de ser conciso “[...] significa evitar a repetição

de ideias e palavras, e cortar informações desnecessárias num dado contexto. Não é preciso escrever pouco para atingir este objetivo.” (GÓMEZ, 2011, p.23). Neste trecho podemos perceber que o valor dado à concisão muda de tom. No começo da reportagem a concisão era um dano, pois estava relacionada à retirada desenfreada de frases ou palavras que poderiam ser necessárias ao sentido do texto. O autor dá à palavra, neste momento, um sentido de clareza e ainda mais, diz que se pode “cortar” palavras desde que sejam desnecessárias.

Mais uma vez a palavra “cortar” aparece como uma metáfora que remete à concisão. Nesta reportagem e na matéria anteriormente analisada, o conceito carrega um valor apreciativo positivo. No parágrafo que sucede o trecho acima citado, o autor retoma a definição, repetindo-a com uma construção frasal diferente, que foi dita por intermédio de outra voz: “[...] Concisão não significa texto curto, ainda que seja um recurso para se conseguir reduzir a extensão de um texto – afirma Carlos Minchillo, professor de português [...]”(GÓMEZ, 2011, p.23). Podemos entender que “cortar” é substituído por “reduzir”.

A fala de mais um especialista sobre o tema continua a dar credibilidade à reportagem; por intermédio dessas falas, o locutor demonstra ter conhecimento não só de causa, mas de estar em contato com pessoas que confirmam e concordam com o que ele diz. O ponto de vista do autor parece vir claro na seção que tem por título “Imposição”, em que o intuito parece ser convencer o leitor de que há uma ideia dominante de que é necessário praticar a concisão em qualquer circunstância de escrita.

Em “Pontos cegos”, o autor faz uma alerta sobre praticar a concisão sem critério, encarando-a como prática de retirar palavras, e mostra que às vezes é necessário acrescentar : “[...] é preciso revisar o material já escrito para, se for o caso, até devolver o que foi retirado, desde que se evite tornar o texto muito esquemático ou sem graça, devido à falta de contexto.” (GÓMEZ, 2011, p.24). Podemos relacionar essa frase e o texto da reportagem com a imagem que acompanha a matéria (ver o Anexo B): uma lata de sardinha com vários lápis dentro. Uma possibilidade de interpretação para o enunciado é que haja o intuito do locutor de expressar que o ato da concisão desenfreada de encurtar os textos deixa a escrita como um produto enlatado, pronto para ser consumido e distribuído a milhões. O texto, assim, seria tomado como um produto padronizado, sem suas especificidades, características, tipologias, gêneros e estilos.

No último subtítulo o autor retoma o contexto histórico em que vivemos, em contato com textos curtos, e fala especialmente da Internet “[...] tornou-se paradoxalmente, o espaço para o

texto longo. Nada impede que um breve sumário sobre um assunto dê acesso, num clique, a um caudaloso texto escrito [...]. Que texto longo não é sinônimo de verborragia.” (GÓMEZ, 2011, p.25).

A reportagem trouxe várias vozes de especialistas, o que é característico do gênero do discurso reportagem, em que o locutor se apoia na posição de outros, de especialistas, para dar credibilidade a seu ponto de vista. O texto caminha para uma leitura a mostrar aos leitores que a concisão não é requisito necessário para um bom texto, se for encarada como prática dominante os danos podem ser a falta de expressividade e um texto fora de contexto. Como o próprio título indica e também a imagem de abertura da reportagem, que compõe um homem de costas com um aparelho que espreme sua cabeça e a deixa rachada, a concisão encarada como espremer os textos causa um aspecto negativo, pois junto com frases, palavras ou trechos retirados podemos deixar nos textos fendas que separam suas partes e que são importantes para dar sentido ao todo do texto.

O tema da concisão na reportagem tem um significado de encurtar o texto, no entanto atente-se ao fato de que, além de retirar, podemos querer colocar ou somar certas palavras aos nossos textos para deixá-los mais claros. Assim, talvez seja possível pensar em concisão, mas também na clareza do texto, e abrir mais “leques” ao processo de revisão do texto.

3.3 Os gêneros jornalísticos

Os dois textos analisados acima são considerados típicos da esfera jornalística. Fazem parte do que Bakhtin chama de gêneros secundários, “[...] tais como romances, gêneros jornalísticos, ensaios filosóficos – são formações complexas porque são elaborações da comunicação cultural organizada em sistemas específicos como a ciência, a arte e a política.” (MACHADO, 2005, p. 155). O que fazem deles produtos desse gênero são principalmente suas especificidades composicionais e seu estilo.

Na reportagem “Como cortar um texto”, a forma composicional é dividida em seções: introdução do tema, “Procura”, “Começo” e “Tipos de Textos” agregam maior significado à produção de sentido, à significância transportada durante todo o texto. Essas unidades temáticas criam as etapas que os leitores ou escritores devem seguir para “cortar” o texto.

Em cada unidade o autor recorta exemplos de outros textos e dá dicas do que considera errado. Esses exemplos deixam o contexto que pertenciam e adquirem um novo contexto e

significado. Essa característica desse gênero jornalístico dá credibilidade ao que o autor parece querer expressar, pois junto há a ideia de que ele pesquisou e se informou sobre o assunto.

Além dessa forma composicional, temos o estilo da linguagem usada pelo locutor. Um estilo argumentativo e ao mesmo tempo provocativo, expresso por meio de muitas perguntas que levam o leitor a pensar e julgar como escreve seus textos. Linguagem pautada sempre por exemplos exteriores, baseados na dica, no conselho que tornam os argumentos como verdades absolutas.

Outro traço considerado nesses gêneros são as imagens que constituem suas páginas. Em “Como cortar um texto”, a imagem de uma tesoura no canto esquerdo da página e no direito um maço de grama e entre essas duas imagens o texto, dá à metáfora do corte o sentido de cortar trechos e palavras; é mais uma repetição do tema, mas em vez de estar expresso em palavras, agora em imagens.

Em “Os danos da concisão”, o gênero jornalístico também se constrói pela fala do outro; é produto de entrevistas recortadas e colocadas ao longo do texto. O recorte da fala do outro, ou seja, o gênero primário inserido no gênero secundário (texto jornalístico) cria uma inter-relação entre o discurso do outro e o resto do discurso, há uma analogia existente entre as réplicas do diálogo cotidiano. A entonação nova que é agregada à fala do outro complementa seu sentido. O gênero primário torna-se componente do secundário e transforma-se dentro dele e adquire uma característica particular porque perde sua relação com a realidade existente e pertencem aos matizes do novo contexto.

A composição, estilo de linguagem, as imagens e como o sentido do tema se constrói estão entrelaçados para passar ao leitor um significado e um juízo de valor. Os gêneros jornalísticos estão ligados a uma das esferas da comunicação, e como tal exercem uma influência na sociedade e numa dada cultura. São gêneros ligados à mídia escrita e conseguem alcançar um grande público alvo e diversificado. A revista *Língua Portuguesa* também está dentro dessas características, pois está disponível em bancas de jornal e algumas reportagens com acesso à internet. Seus leitores são grupos diversificados: estudantes do segundo grau, estudantes de cursinho, graduandos, trabalhadores que exercem uma função direta com a escrita ou pessoas que se interessam pelos assuntos da língua Portuguesa Brasileira.

Assim, devemos tomar como importância a informação que é transmitida e abordada nestas reportagens e refletir quais as delimitações das definições que são construídas para a concisão e pensar sobre o que elas podem acarretar para o estudo do Português.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando reescrevemos um texto não somos “obrigados” a retirar palavras ou frases, essa pode ser uma das operações na construção do texto. É preciso

“[...] “olhar” para a materialidade linguística do texto e nela detectar suas inscrições linguístico-discursivas, sem que isso signifique que uma destas materialidades contenha a outra, como se o discursivo, do exterior se inscrevesse na “linguagem” do texto, linguagem espessa e transparente que, uma vez atravessada, permitiria detectar uma outra materialidade que a sustentaria pelas remessas aos sistemas de referências antropoculturais onde os recursos expressivos adquirem seus “verdadeiros” sentidos”.
(GERALDI, 1996, p. 138).

Este sistema de referências representa o universo de valores em que cada sujeito está envolvido por suas interações sociais e mostra suas diferentes compreensões do mesmo fato. Estas compreensões (PONZIO, 2010), enquanto respostas construídas com base nos signos internalizados, desvelam nossa contrapalavra às palavras do outros. É na contrapalavra do outro que me torno sujeito. Quando construímos e reescrevemos um texto, notamos na atividade do “eu” a presença do outro, como na linguagem. Todas as palavras e frases estão elaboradas conforme um significado, uma compreensão e uma contrapalavra ao outro, não podem ser retiradas mecanicamente, obrigatoriamente de um texto, fazem parte de um repertório criado por um sujeito, uma criação ideológica transformada em texto ligada a uma historicidade de valores. Portanto, reescrever não significa necessariamente eliminar palavras ou trechos, não devemos pensar em diminuir o texto para que seja mais objetivo. Claro, pode ocorrer de eliminarmos palavras, mas esta não deve ser e não é a única operação usada na construção e reescrita do texto. Há operações de acréscimo e substituição, além de apagamento (GERALDI, 1996).

A concisão tornou-se uma prática mecânica adotada em vários tipos de textos, ligados à mídia ou mesmo adotada em sala de aula para a redação dos alunos, parece que se escrevemos e relemos, temos que na reescrita eliminar algo, assim seremos concisos e entendidos. Acrescentar é praticamente destruir a objetividade do texto. Há uma tendência do uso da concisão para tornar os textos “curtos”. Essa busca do escrever e falar pouco para alcançar a maior objetividade

possível transforma os textos em um sistema padronizado, agregando-lhes o estilo padrão e apagando as diferenças singulares da escrita. Consequência herdada dos meios midiáticos de comunicação, impresso ou meios eletrônicos que focam na rapidez de informação (texto curto, assim dá tempo de ler) e não focam a qualidade. A maior quantidade de informação em um espaço curto de tempo. Muita informação com objetividade, focar o principal da informação, cortar elementos explicativos, contar “o que”, mas sem nenhuma atividade de reflexão sobre o assunto. “É um cenário ligado à organização social, ao contexto cultural da vida que baseia-se em classificações fechadas [...] de atribuições de pertencimento, recorre ao gênero, ao universal como condição da identificação, da diferenciação, individuação.”(PONZIO, 2009, p.17).

Há uma crise contemporânea (BAKHTIN apud PONZIO), uma crise da ação contemporânea transformada em ação técnica. Assim, quando reescrevemos e necessariamente pensamos que devemos “cortar” palavras ou expressões com a finalidade de diminuir para atingir a objetividade e não olhamos para as “inscrições discursivas” (GERALDI, 1996, p.138) tornamos nossos textos padronizados e universais, produtos acabados e sem sentido.

Podemos pensar que a concisão não engloba uma única ação, mas uma somatória de ações relacionadas ao processo de reescrita do texto. Reescrever o texto para torná-lo mais claro, dar mais clareza ao sentido que queremos atribuir ao nosso texto.

5. Referências

BAKHTIN/ VOLOSHINOV. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira com a colaboração de Lucia Teixeira Wisnik e Carlos Henrique D. Chagas Cruz. São Paulo: Hucitec, 1997, 196 p..

BAKHTIN, M. M. Os gêneros do discurso. In: **Estética da criação verbal**. Tradução feita a partir do francês Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997, p. 277-326.

FARACO, C. A. **Linguagem & diálogo**: as idéias linguísticas do círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola Editorial, 2009, 168 p.

GERALDI, W. J. Linguagem e ensino: exercícios de militância e divulgação. Campinas: Mercado de Letras – ALB, 1996, 148 p.

GÓMEZ, N. Os danos da concisão. **Revista Língua Portuguesa**, São Paulo, ano 5, n.67, p. 22-25, maio 2011.

MACHADO, I. **Gêneros discursivos**. In: BRAIT, B. (Org.). Bakhtin: conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2005, p. 151-166.

PONZIO, A. **A revolução bakhtiniana**: o pensamento de Bakhtin e a ideologia contemporânea. Coordenação de tradução Valdemir Miotello. São Paulo: Contexto, 2009.

TAVARES, B. Como cortar um texto. **Revista Língua Portuguesa**, São Paulo, ano 5, n.59, p. 24-25, set. 2010.

Como cortar u

Dizer o essencial se compara à poda de uma árvore: aparar o excesso é sempre revigorante

Por BRAULIO TAVARES

E escrever é cortar, disse um escritor que sabia do que falava. Isso assusta principiantes, a quem o difícil é produzir algo. Sofrem do problema de Kafka: "Quando finalmente consigo colocar uma palavra no papel, não tenho senão esta, e todo o esforço recomeça". Esse problema, contudo, só afeta metade da população. A outra metade é uma cachoeira ininterrupta de texto que se derrama sobre a página como uma comporta de Itaipu despejando um bilhão de litros de tinta por minuto e sem ter a menor noção de como chegar a um ponto final ou, quando o consegue, sem saber como voltar e reduzir essa extensão inegociável de texto para atender aos telefonemas impacientes do editor que lhe faz a pior das ameaças: "Se não cortar, eu mesmo corto".

Aliás, poderíamos reescrever assim este último trecho:

"A outra metade é uma comporta de Itaipu despejando um bilhão de litros de tinta por minuto, incapaz de fazer ponto final ou de cortar algo, mesmo quando o editor ameaça: - Se não cortar, eu mesmo corto".

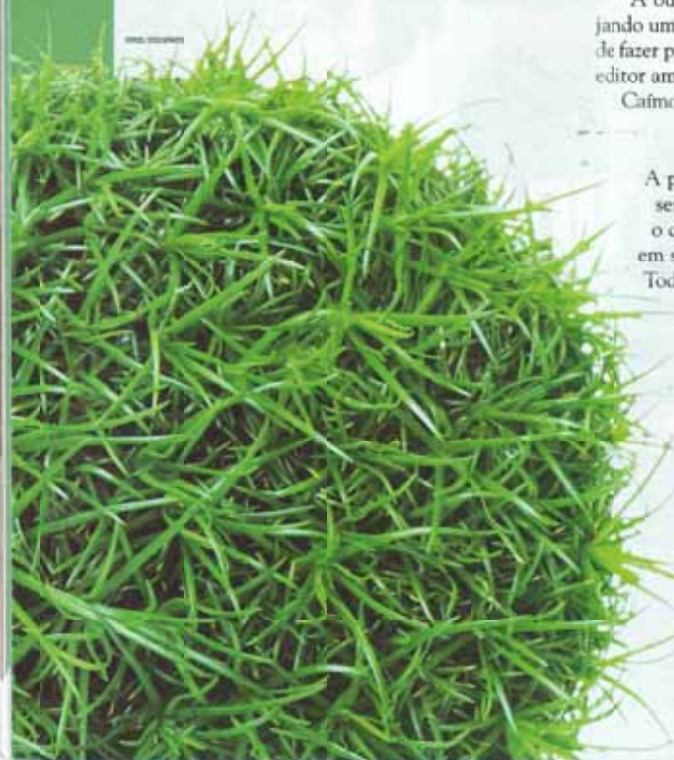
Caímos de 78 palavras para 38, e o essencial foi dito.

Procura

A primeira versão de um texto pode ser cortada sem perda de substância, porque a substância, o que o autor quer dizer, nem sempre está claro em sua mente no primeiro momento da redação.

Todo mundo escreve procurando. Escreve reproduzindo com palavras uma série de impulsos mentais descontraídos. Ninguém concebe uma frase pronta, definitiva, reluzente, intocável. Frases desse tipo geralmente levam quinze minutos de poda e polimento. No máximo, podemos imaginar que o autor pensou, pensou, e quando se sentou para escrever já escreveu a frase definitiva; mas a poda e o polimento existiram do mesmo jeito.

A maioria das pessoas escreve de improviso, ou seja, vai verbalizando as ideias à medida que elas lhe ocorrem. Escrevem, como se dizia, "ao correr da pena". Nossas ideias, principalmente as ficcionais, nem sempre nos surgem sob a forma de palavras



Sabrina
perdum momento
usa a palavra
coraisão

m texto



específicas. É mais comum que nos surjam como fragmentos de situações narrativas, cenas semivisualizadas, vontade de dizer certas coisas, de registrar emoções, narrar vislumbres de coisas não acontecidas... Sabemos mais ou menos o que deve acontecer, sentamos diante do teclado e o resto é improvisado. Como esperar que desse improvisado já brotem as melhores frases? Após o esforço inicial de trazer as coisas para o papel, começa outro esforço para tornar essas coisas mais parecidas com o que tínhamos em mente de início. Quando não sabemos o que estamos pensando, escrevemos pouco, as palavras pingam de uma em uma. Quando sabemos demais, não há dedos nem teclas que bastem. Já temos tudo pronto na mente mas é preciso cumprir essa tarefa exasperante de digitar as letras de uma em uma!

Começo

O que cortar? Uma das primeiras coisas é cortar aqueles fragmentos do discurso que não dizem nada mas que nos ajudam a manter o fluxo verbal. Coisas como "Para não falar de...", "antes de mais nada...", "acima de tudo...", "não é preciso dizer que...", "é interessante notar que...". Para que serve isto? Para o mesmo que serve o nosso "hããã..." ou "hummm..." quando estamos respondendo algo em voz alta: para emitir diante do interlocutor uma falsa verbalização enquanto a verbalização verdadeira está sendo processada em outro setor da mente. Serve para dizer algo como "calma,

não parei de falar, a vez ainda é minha, daqui a pouco direi algo que faz sentido".

E as enumerações? Quando enumeramos, tendemos a sair enfileirando detalhes, minúcias, fragmentos, exemplos, imagens, aspectos, até que um abençoado "etc." estanca a hemorragia. Mais outra: sinônimos. É muito comum a gente escrever algo como:

"Precisamos de uma sociedade mais justa, mais humana, mais equilibrada, mais democrática, mais sadia, mais igualitária..."

Tipos de texto

Estamos procurando a palavra que exprime melhor nosso sentimento, e fazemos uma lista dessas palavras no correr do texto. O momento de achar essa palavra é depois, na revisão; e cortar o restante.

Num artigo de ideias é bom chegar a uma prosa enxuta, com variedade de ideias, não de vocabulário. Uma prosa que diga as coisas com precisão, e, quando elas têm de ser imprecisas, que sejam ditas com uma imprecisão deliberada. No caso de textos literários, o momento de cortar é também um momento de saber que tipo de efeito queremos produzir.

O texto literário nem sempre procura a limpidez. Às vezes queremos exprimir (por meio de um personagem ou narrador) uma maneira de dizer as coisas que é turva, ou prolixa, ou incoerente. Tudo bem, contanto que, ao sairmos do âmbito do personagem, essas qualida-

des fiquem lá com ele.

Já vi muitos autores dizerem que sentem pena de cortar os próprios textos; me

identifico com os que cortam com prazer. São dois prazeres sucessivos: o de derramar no papel tudo a que temos direito, e depois o de tirar tudo que não serve mais. São como o prazer de jogar futebol na lama e depois tomar um bom banho. Um texto não é uma pintura a óleo onde o que não nos agrada pode ser coberto com novas camadas. Melhor vê-lo como um jardim. Os trechos que estamos cortando são coisas que vão comprometer o que queremos para esse jardim, seja o rigor ou a espontaneidade, seja a harmonia ou o contraste. Cortar é também uma forma de criar. Na escrita, o começo do processo parece com a pintura; o final parece com a escultura.

Sugiro ao leitor interessado neste tema que procure edições antigas de *Tutaméia* e de *Sagarana*, de Guimarães Rosa, pela Editora José Olympio, ou a edição das *Sete noites* de Jorge Luís Borges pela Max Limonad, para ver reproduções em fac-símile dos manuscritos originais, mostrando os numerosos cortes, consertos e remendos de dois escritores que sabiam dar peso e função a cada palavra.

BRAULIO TAVARES É COMPOSITOR, AUTOR DE *CONTANDO HISTÓRIAS EM VERSOS* (EDITORA 34, 2005). BTAVARES13@TERRA.COM.BR

Os danos da concisão

Uma das qualidades do bom redator, ser conciso não significa escrever pouco, mas evitar redundâncias e cortar o excesso sem comprometer a eficácia da comunicação

Por NATÁLIA GÓMEZ



O fenômeno é democrático, atinge diferentes meios expressivos e até os redatores tarimbados, e é provável que seja fruto de uma era de consumismo desenfreado, impaciência e pressa sem critério. Na disputa pela atenção do leitor, diferentes mídias e manuais de escrita *prêt-à-porter* vendem como eureca a solução dos textos mais curtos, em doses, com o essencial das informações e afirmações em jogo.

O problema é que a oferta alcança não só os candidatos a bons redatores, mas a demanda de quem deseja fazer pouco, mas ter muito. A falta de tempo e paciência para leitura pode até já estar inscrita no código genético da comunicação contemporânea. Está lá, ao menos, nas abreviações de relatórios de trabalho, nos anúncios publicitários mais lacônicos, nas exigências de redações para vestibulares, nas versões simplificadas de obras literárias de fôlego, nos resumos de fatos da semana, nas notas informativas da internet, nas colunas de fácil digestão.

Para especialistas, no entanto, a fórmula "menos é mais" nem sempre é válida em qualquer circunstância quando o assunto é redigir um texto de qualidade. A concisão depende do contexto, não deve ser vista como cláusula pétreia da escrita.

– A concisão não pode ser vista como algo absoluto, deve ser

relativizada – afirma Maria Helena de Souza Neves, professora de letras do Mackenzie e da Universidade Estadual Paulista (Unesp), em Araraquara.

A elefantíase da concisão faria perder de vista a eficácia da página em nome de habilidades aparentes do escritor. Não é problema novo. Em 1957, o argentino Jorge Luis Borges (1899-1986) batizou o fenômeno de "superstição de estilo" no livro *Discussão* (Bertrand Brasil, 1994: 15). A expressão traduz a crença de que toda concisão é sempre virtude, mas toma por conciso "quem se demora em dez frases breves e não quem maneje uma frase longa", escreve Borges.

Imposição

Segundo Maria Helena, lições de retórica como clareza, propriedade e concisão costumam ser mal compreendidas nos dias de hoje, pois são impostas sem a consideração de certas variáveis, como o público leitor a quem se dirige o texto, o veículo ou suporte em que é escrito, a finalidade e o momento em que ele é redigido.

– "Concisão" é um substantivo abstrato que, sozinho, pode significar muitas coisas – diz a professora.

Para ela, é imperdoável o fato de o leitor sentir falta de informações relevantes ao ler um texto, seja de qual gênero for.

O contrário de concisão não é, portanto, ser prolixo, exagerado, verborrágico, difícil de entender. Prolixidade, claro, também é uma forma de elefantíase expressiva. Mas o antônimo da concisão é outro. É a insignificância.

Em qualquer informe que emitimos, um comunicado sobre um desastre, por exemplo, pode ser muito breve quando ainda não se tem mais detalhes sobre o fato. Mas o espaço para textos longos – com detalhes – deveria ser condicionado ao desejo natural de um leitor ter acesso a informações ampliadas. Por isso, outra distinção a ser feita é que concisão não significa necessariamente escrever pouco.

Ser conciso significa evitar a repetição de ideias e palavras, e cortar informações desnecessárias num dado contexto. Não é preciso escrever pouco para atingir este objetivo.

– Concisão não significa texto curto, ainda que seja um recurso para se conseguir reduzir a extensão de um texto – afirma Carlos Minchillo, professor de português e doutorando em literatura brasileira na USP.

Segundo Minchillo, que já deu aulas sobre esse tema a jornalistas da *Folha de S. Paulo*, muitos leitores estão acostumados a textos curtos em algumas esferas, como a do jornalismo e da publicidade, e tendem a preferir textos desse feitio em

Concisão sem perdas

As perguntas e respostas que você deve fazer a si mesmo ao ler o que escreveu

Como ser conciso

- Há informações redundantes?
- Há informações que não são essenciais?
- Há palavras que não fazem falta?
- Há formas mais curtas de falar o mesmo?

Sem prejudicar o texto

- O texto perdeu a graça?
- Ficou muito esquemático?
- Ainda tem relevância?
- Devo reincorporar algo que foi alterado?

Os danos da concisão



Escrita

outras áreas. No entanto, em excesso, tal prática diminui a dimensão expressiva de um texto.

– Eliminando certas expressões e jogos verbais que parecem dispensáveis do ponto de vista informativos, pode-se perder muito do sabor do texto – diz Minchillo.

Pontos cegos

O risco de condensar frases e cortar dados, sem critério outro que encurtar um texto a fórceps, é criar pontos cegos no texto em vez de obter maior facilidade no entendimento. Por isso, Minchillo defende que é preciso revisar o material já escrito para, se for o caso, até devolver o que foi retirado, desde que se evite tornar o texto muito esquemático ou sem graça, devido à falta de contexto.

– Às vezes é preciso reincorporar o que foi alterado – afirma o professor.

No caso da literatura, a concisão é um recurso de estilo potente, mas

nunca obrigatório. Com experiência de quem compõe minicontos de 140 caracteres no Twitter, o escritor Marcelino Freire explica que é preciso procurar as palavras como um garimpeiro procura seu ouro, mas isso não significa que o texto deva ser, por consequência, curto.

– A questão é a expressão do texto e não seu tamanho – diz.

Freire explica que uma obra extensa como *Em Busca do Tempo Perdido*, de Marcel Proust – que tem sete volumes –, não apresentam excessos porque seu autor leu e releu até encontrar as palavras exatas.

Em alguns casos, o texto literário pode ser propositalmente repetitivo, gerando um efeito poético, segundo Maria Sílvia Cintra Martins, professora do Departamento de Letras da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Muitas letras de música, por sua vez, deixam de respeitar a norma de concisão tendo em vista um objetivo poético. Para Maria Sílvia, a escri-



Poucas e boas

Recursos de preenchimento, usados para “encher linguiça” em textos diversos, podem acenar ao vazio de ideias que ronda a cabeça de muitos redatores

Por CÍRCULO VANA

Os manuais de estilística definem concisão como rigor, adequação da forma ao conteúdo. É uma característica muito próxima da clareza, pois o excesso de palavras tende a obscurecer o sentido. O conceito de concisão associa-se ao de *informatividade*; um texto conciso geralmente tem um bom nível de informação, pois dispensa artifícios que visam apenas a encher a página. Esses artifícios, no entanto, tentam os redatores, senão motivo de

reflexões torturadas que às vezes rendem bons textos. Um aspecto da chamada metalinguagem consiste nesse exercício especulativo e doloroso, no qual o escritor enfrenta o silêncio e tem de vencer. É a luta muitas vezes vã de que fala o poeta Drummond num de seus poemas.

A situação não é bem essa quando se trata de uma redação de vestibular, por exemplo. Neste caso, quem escreve não o faz por necessidade interior, compromisso estético ou desejo de mudar o homem. Visa

cumprir um dever, realizar um exercício em que deve revelar organização do pensamento, uso adequado das palavras, defesa consistente de um ponto de vista.

Se a natureza do desafio é outra, contudo, a angústia talvez seja a mesma. Diante do aluno está a famigerada página com determinado número de linhas que ele deve a todo custo preencher. E não vale, como às vezes fazem os escritores, transformar essa dificuldade em tema. A banca não vai se sensibilizar com esse artifício, que fundona



em produções literárias mas compromete a eficácia de um texto argumentativo.

Para contornar esse tipo de dificuldade muitos apelam a "recursos de preenchimento", cuja função é suprir o vazio de ideias; afinal, quem não tem o que dizer procura disfarçar isso da melhor (ou pior) maneira possível. Tais recursos inflacionam a forma e são um atentado à concisão.

Um dos meios de preencher linhas é lançar mão de definições equivocadas. Definir é sempre um perigo; ao tentar conceituar

ta concisa de Graciliano Ramos, por exemplo, deve ser encarada como *um* estilo e não como o *único* estilo possível.

Internet

Para o escritor Rodrigo Petronio, a concisão na literatura brasileira é herança dos modernistas de 1922, que enxugaram os textos, inspirados pela ideia da rapidez de máquinas, automóveis e cortes cinematográficos, em reação ao parnasianismo do século 19, que tinha uma escrita mais rebuscada e descritiva.

— Desde então, houve valorização da concisão, que não pode ser vista sempre como elemento positivo. Depende da visão de mundo que o autor quer passar — diz Petronio.

No jornalismo impresso, as reportagens e os artigos de maior fôlego ainda encontram espaço em cadernos especiais e suplementos, que aprofundam temas tratados com maior objetividade no noticiário da

semana. Alguns desses cadernos e revistas culturais (*Piauí*, *Caros Amigos*, *Rascunho*, etc.) fazem a pedagogia do espaço longo, na contramão dos comentários de blogs e informes de portais na web.

— No dia a dia, as publicações impressas têm de ser mais objetivas porque competem com a agilidade da informação on-line, mas é possível aprofundar discussões em outros momentos — diz Marcelino Freire.

A própria internet tornou-se, paradoxalmente, o espaço para o texto longo. Nada impede que um breve sumário sobre um assunto de acesso, num clique, a um caudaloso texto escrito com as palavras necessárias, não mais do que as necessárias. Que texto longo não é sinônimo de verbosidade. Nem concisão tem resultado confiável em qualquer circunstância.

Afinal, em certos casos, o leitor pode querer mais, e não menos. (Colaborou Luiz Costa Pereira Jr.)

peças, fenômenos, estados de alma, corre-se o risco de pecar por imprecisão. Ou por presunção. Se o objeto definido não se enquadra no juízo que se faz dele, evidencia-se logo o despropósito.

Além das definições equivocadas, outra forma bastante recorrente de encher papel é o uso de lugares-comuns. A falta presença deles nas redações preocupa. Dizer o que todo o mundo diz, e às vezes com as mesmas palavras, constitui um dos maiores problemas da produção textual dos alunos. O lugar-comum indica padronização do raciocínio e falta de visão crítica. Dá aos textos um aspecto indiferenciado e os torna previsíveis, sugerindo que foram escritos por um só autor. Segundo Alcir Pécora, ele é "na verdade, um lugar de

ninguém, uma cidade fantasma". Os lugares-comuns aparecem como ideias repetidas ou expressões cristalizadas. É preciso ler muito e consultar dicionários para escapar desses chavões.

Há muitas formas de exercitar a concisão. Uma delas é recolher de jornais, revistas ou das próprias redações trechos em que ocorre excesso de palavras e tentar enxugá-los o máximo possível. O hábito de fazer isso leva a pensar duas vezes antes de escrever o que vem à cabeça.

CHICO VIANA É PROFESSOR DA UFPA, DOUTOR EM TEORIA LINGÜÍSTICA PELA UFRJ E AUTOR DE *O EVANGELHO DA PODRIDÃO: CULPA E MELANCOLIA EM AGOSTO DOS ANOS*